



O FINAL DA GUERRA FRIA E A TENSÃO NOS BÁLCÃS: DISSOLUÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA SOCIALISTA DA IUGOSLÁVIA

Leonardo Pires da Silva Belançon (PIC/Uem), Sidnei José Munhoz (Orientador), e-mail: lbelancon@gmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes/Maringá, PR.

Área: História/ Subárea: História Moderna e Contemporânea

Palavras-chave: Iugoslávia; Guerra da Bósnia; Nacionalismos.

Resumo

Por meio de revisão bibliográfica este estudo buscou compreender o contexto histórico que levou à dissolução da República Federativa da Iugoslávia e a emergência de conflitos que culminaram na guerra a envolver diversas nações que compunham a antiga Federação. Analisamos questões que permearam o contexto político e cultural na região, no limiar da década de 1990, e que levaram a perseguições étnicas, resultando na Guerra da Bósnia (1992-1995). O conflito, considerado o mais violento na Europa desde o fim da Segunda Guerra Mundial, fez ressurgir os campos de concentração e crimes de guerra, como o estupro massivo, sobretudo de mulheres bósnias, gerando o que foi considerado por muitos autores como genocídio. Averiguamos a participação internacional no conflito, sobretudo por meio de organizações como a ONU (Organização das Nações Unidas) e a OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), que intermediaram o acordo de paz, assinado em dezembro de 1995.

Introdução

Após a Primeira Guerra Mundial, em 1918, nasceu a Iugoslávia, como Estado. O nome advém das línguas eslavas e significa *Terra dos eslavos do sul*. A região assim denominada surgiu da junção dos Estados independentes da Sérvia e Montenegro, que também haviam agregado a Macedônia, com a Croácia, Eslovênia e Bósnia-Herzegovina, formando





assim o Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos. Os últimos três Estados eram parte do Império Austro-Húngaro que foi derrotado e desmembrado ao fim da Primeira Guerra.

Durante a Segunda Guerra Mundial, a região sofreu ofensiva por parte das potências do Eixo, sobretudo, Alemanha, Itália e Hungria. A Iugoslávia, entretanto, demonstrou resistência por meio dos comunistas, liderados pelos Partisans, e dos monarquistas, comandados pelos Chetniks. Estes últimos, pró-Sérvia, liderados por Draža Mihajlović e os Partisans, de orientação pan-iugoslava, por Josip Broz Tito. Em 1944, Tito e seus guerrilheiros expulsaram as potências do Eixo que ocupavam a Sérvia e em 1945, os expulsaram de toda Iugoslávia. O Marechal croata esteve na liderança da então federação socialista até a sua morte, em 1980.

A figura chave pós-Tito foi Slobodan Milošević, que se tornou o líder o Partido Comunista sérvio em 1987 e presidente da Sérvia em 1989. Seu desejo era criar a Grande Sérvia e só seria possível reunindo e mobilizando os sérvios presentes na Croácia, Macedônia e Bósnia-Herzegovina (HASTEDT, 2004). Com a crise econômica enfrentada desde o início da década de 1980 e o colapso do socialismo, a eclosão de uma crise social e política na Iugoslávia havia se anunciado.

Em Maio de 1991, a Sérvia assumiu a presidência da federação, e em junho, Croácia e Eslovênia declaram suas independências, seguidas pela Macedônia, em setembro, e Bósnia-Herzegovina, em outubro. A desintegração que se observou na federação, desagradou a Sérvia, então no controle do governo e das forças armadas iugoslavas. Apesar das tentativas de impedir a desagregação do que havia sido a federação socialista por pouco mais de quatro décadas, o exército iugoslavo não obteve sucesso e desencadeou o que foi considerado por observadores e alguns historiadores, o conflito mais sangrento no continente europeu desde o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945. Tal conflito durou de 1991 até 1995, e trouxe consigo campos de trabalho forçado e campos de estupro, instalados em território bósnio (PERES, 2011).

Materiais e métodos

Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, que buscou analisar as diferentes produções de diversos autores sobre a História Contemporânea da região da antiga Iugoslávia, inicialmente foi feito o levantamento da bibliografia pertinente acerca do assunto, e após selecionadas as obras e trabalhos, que serviram de referência, foi feita a leitura e análise das





informações, juntamente com a produção do material de apoio, como fichamentos, que forneceram os dados necessários à elaboração deste relatório.

Foram consultados livros em língua portuguesa e língua inglesa, teses e dissertações, e ainda, artigos publicados em periódicos e eventos. Como apoio, foi consultado material que tratasse de assuntos afetos ao tema deste projeto, como a ideia do conceito de etnia, terrorismo, genocídio e questões gerais sobre o colapso do socialismo e os comportamentos e posturas das lideranças soviéticas, durante o período de Guerra Fria. Embora este último assunto se refira ao período que precede o que nos dispusemos a pesquisar, tal leitura foi importante para compreender o contexto e a atmosfera geopolítica por trás da chamada “Cortina de Ferro”.

Resultados e Discussão

A década de 1990 foi marcante não só para a região, devido à sua fragmentação, mas também para o cenário mundial, pois entre os conflitos que resultaram na consolidação das seis repúblicas independentes, a Guerra da Bósnia é considerada por muitos o conflito mais prolongado e violento na Europa, desde a Segunda Guerra Mundial.

Jacques Sémelin (2009) analisa como o nacionalismo extremo, observado nos Bálcãs, foi sendo construído e disseminado, e a maneira como os bósnios, especialmente os muçulmanos, foram sendo classificados como inimigos dos sérvios e dos croatas, por meio de uma propaganda xenofóbica. A ideologia contida em discursos que intencionalmente bestializavam o grupo que se pretendia dominar – os bósnios – pode ser compreendida como um elemento que impulsionou o massacre. A concepção de identidade dá-se pela percepção da diferença, por isso, embora sejam povos eslavos, os croatas, sérvios e bósnios ainda hoje se considerem grupos distintos. A influência das culturas romana, bizantina e árabe; o catolicismo romano, o cristianismo ortodoxo e o islamismo, são elementos que construíram as identidades daqueles grupos e que os diferencia de forma objetiva. Freud acreditava que embora os homens fossem semelhantes, haveria neles uma necessidade de se exagerar a importância de pequenas diferenças, e que acabaria por gerar hostilidade.

Com o passar do tempo, as hostilidades e a violência aumentaram. Campos de estupro foram estabelecidos por sérvios e croatas e, em alguns casos, algumas mulheres eram feitas prisioneiras ao engravidarem após os estupros para evitar que abortassem, e assim gerar uma criança sérvia ou





croata, dependendo da região da Bósnia em que a mulher estivesse. Esse era um dos métodos de controle de natalidade de crianças bósnias empregado na campanha de limpeza étnica (PERES, 2011).

No dia 11 de Julho de 1995, comandados pelo general Ratko Mladić, os sérvios invadiram a cidade de Srebrenica ceifando a vida de mais de 8 mil homens e meninos, a maioria com tiro a queima roupa e na nuca (ALVES, 2013). O episódio foi reconhecido como o primeiro caso de Genocídio na Europa, desde o Holocausto.

Conclusões

Conseguimos perceber um panorama geral sobre os conflitos que surgiram deste movimento geopolítico observado na antiga República Federativa Socialista da Iugoslávia, a participação popular, bem como a expressão do nacionalismo de cada grupo envolvido nos conflitos, além de algumas nuances daquela complexa relação interétnica e inter-religiosa observada na federação iugoslava. Por meio das narrativas consultadas, observamos o poder da ação militar do Estado e a violência por ele promovida, levando ao que foi considerado Genocídio por muitos observadores e estudiosos, e que, como já citamos, afirmam que a Guerra da Bósnia foi o conflito mais violento no continente europeu desde o fim da Segunda Guerra Mundial.

Referências

ALVES, José Augusto Landgren. **Os novos Bálcãs**. Brasília: FUNAG, 2013.
 HASTEDT, Glenn P. **Encyclopedia of American Foreign Policy**. Facts on File. New York, NY. 2004. p.44, 45, 534-536.
 PERES, Andréia Carolina Schvartz. Campos de estupro: as mulheres e a guerra da Bósnia. **Cadernos Pagu**. Campinas, n.37, p.117-162, 2011.
 SÉMELIN, Jacques. **Purificar e destruir: o uso político dos massacres e dos genocídios**. Tradução: José Bastos. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

